

Magda Medeiros

# Íris d'água

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2023

# Além do horizonte

As malas estão desfeitas e as roupas no lugar. Deixei por último os pequenos objetos garimpados ao longo de décadas, quero calma e tempo para eles.

Contemplo os detalhes da bailarina com saia de renda e traços finos, trago de volta o dia azulado e cintilante, o presente de minha irmã, a nossa proximidade.

Devagar outros encantos vão se juntando, alguns relembram as horas em que nos perdemos uma da outra como braços diferentes de um rio.

Emolduro as fotografias e vejo dois barquinhos levados pelas marés.

Eu e ela, diferentes momentos e idades. Nasci e ela já estava ali, uma vida inteira à minha frente. Cinco anos de vantagem. Cresci e continuei a correr atrás dela, de sua paisagem colorida e vibrante.

Será que um dia eu a alcançaria? Será que um dia seria igual a ela?

As suas raízes se misturavam com as minhas, as suas pegadas eram o meu farol e eu as queria seguir.

Será que eu deixaria o meu próprio rastro?

Será que brilharia tanto quanto ela?

Tais perguntas me rodearam, décadas a fio, até serem interrompidas por uma que não havia pensado antes:  
Eu conseguiria imaginar os meus dias sem ela?

# Rosa branca e rosa vermelha

Apesar da diferença de idade, brincávamos juntas de roda, de boneca, de correr pelos pastos. Augusta era a mais velha e coordenava a diversão, eu a seguia por toda parte.

Nossas fotos de infância refletem a amizade, sempre uma ao lado da outra. Era comum pararmos no espelho grande do corredor e, sem combinar, estarmos com as roupas iguais, feitas pela tia costureira, a Joana. As vestes idênticas realçavam nossos contrastes: Augusta era mais alta, com pernas longas e uma cabeleira revolta de tom avermelhado. Eu puxei a minha mãe, pequena, a pele branca, os cabelos pretos e lisos.

Sua juba cacheada parecia uma flor incandescente ao sol, a combinar com a sua estatura e vivacidade, não havia desânimo perto dela. Se faltasse luz à noite, fazia teatro de sombras com a lanterna, de suas mãos surgiam borboletas ou gansos na parede, caso chovesse trazia quebra-cabeças e o tempo voava. Criava jogos em que era a capitã, eu copiava os seus movimentos, repetia as frases e concordava com tudo o que dizia.

Augusta era a minha protetora, eu, o passarinho embaixo da sua asa. Quando quebrei o braço ao subir escondida no muro do quintal, ela acalmou a mamãe, brincou com meu

gesso e o transformou no seu caderno de desenho. No dia em que perdemos a hora passeando nas montanhas e chegamos de noite, meu pai na porteira nos esperando, ela disse que iria à frente para despistá-lo, eu escaparia pelo lado, embora o coitado no final esquecesse a reprimenda, aliviado ao nos ver.

Gostávamos das mesmas coisas, como as bolachas no saco de papel pardo compradas nos passeios pra capital, bem torradas e salgadas, o crack-crack era interrompido quase em casa, os farelos espalhados no banco do fusquinha. Ou as maçãs, uma para cada princesa do seu Teodoro, aguardadas desde cedo nas idas ao centro, a senhora da estação rodoviária separava as maiores, vermelhas e brilhantes como se polidas com flanela, envolvidas com cuidado em lâminas de papel seda.

Embora minha irmã em alguns momentos dissesse para eu ter a própria opinião, sabia que ela adorava dar a palavra final. Às vezes, cansava e me enxotava, porém, ao me ver magoada falava “Brincadeira, Ana Maria, vem cá”, e eu ia correndo abraçá-la.

## Tece, mede e corta

Cresci com os ditados da dona Rosa. Minha mãe foi professora na escola primária e esteve rodeada por crianças até se aposentar, a paciência era a sua principal virtude. Ela demorava a processar o que lhe perguntava, ficava parada me observando, com um leve sorriso brincando no canto de sua boca. Quando parecia haver esquecido, do nada ela respondia ou recitava um provérbio, os preferidos vinham acompanhados de sua fé, como “Deus escreve certo por linhas tortas” ou “depois da tempestade vem a bonança”.

A religiosidade era o seu guia. Acordava e rezava no café da manhã. No almoço fazia questão de sentarmos juntos à mesa, ela pedia silêncio para mim e Augusta, olhava séria para o meu pai se ele ainda estivesse com o chapéu, seu companheiro inseparável: a refeição era uma hora sagrada. Ao entardecer, pegava seu rosário e rumava para o altar na entrada da casa, um balcão cheio de santos e velas, além das flores que colhia no jardim e trocava toda semana.

Eu também procurava aquele recanto, desde pequena, para rezar ou pedir algo. Ir bem na prova, passear com minha irmã, ou, mais tarde, ser convidada para o cinema por um certo menino. Fazia promessas e juras de ser uma pessoa melhor.

Ao sair de casa, criei o meu próprio repertório, a quem recorria nas adversidades. Para mim, porém, esse território era mar aberto, o que encontrava e fazia sentido eu levava para o meu cantinho. Santos, anjos e arcanjos. Uma Iemanjá, presente de uma amiga. Cristais. Velas. Seres mitológicos. Deidades. As Moiras tecendo os fios do destino.

Eu corria pra lá atrás do que me interessava, ficava feliz se conseguia e chateada se não saía como o planejado, vivia indo e voltando ao meu refúgio.

Nada disso me trazia a confiança de que tudo ocorre como tem que acontecer, até mesmo os emaranhados e nós.

Demorou um pouco para eu compreender.

## Bolhas de sabão

Morávamos em Araxá, no interior mineiro, a vida não era de riqueza, porém seguia com tranquilidade. Eu e minha irmã ajudávamos nas tarefas caseiras ou dávamos uma mão para o papai em época de colheita de safra. Ele costumava se virar sozinho, despertava de madrugada e fazia o café, depois enchia a garrafa térmica e saía, com chuva ou sol a rotina era a mesma. Abrir a janela e ver ao longe a silhueta magra de cabelos ruivos marcava tudo como certo no começo do meu dia.

Quase todo final de semana, a nossa família se encontrava com a da tia Joana. Ela era uma mulher alta e loira, vestida de saias rodadas e longas tanto ao trabalhar quanto nos passeios, a melhor roupa pra se costurar, dizia com as mãos na cintura. Eu acordava e ficava pronta bem rápido, louca para ir para a sua fazenda, no outro lado da cidade, podia ver os bezerros que o tio Maneco criava ou correr atrás das galinhas. A bagunça era grande, nós, as duas filhas da Rosa, com os cinco primos nascidos em escadinha.

Amália era a única prima, nossa preferida, um ano mais velha do que eu, com ela fugíamos dos garotos para provar as roupas do baú no sótão, um lugar mágico recheado de possibilidades. Minha prima era quieta e meiga, miúda e de cabelos pretos como os meus, porém encaracolados. O que inven-



---

EDITORA  
[www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br)  
[penaluxeditora@gmail.com](mailto:penaluxeditora@gmail.com)

---

---

## *Livros iluminam*

---

Este livro foi composto em Minion Pro  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em agosto de 2023.

---